

A literatura de cordel genuinamente brasileira

Cordel literature genuinely brazilian

Carolina Carvalho Sena¹

Resumo:

A literatura de cordel constitui-se em manifestação cultural reconhecida como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entre os anos de 2016 e 2018, pude aprofundar-me neste assunto ao desenvolvê-lo em nível de mestrado profissional, tomando como base o acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Nesse sentido, tive acesso à fontes divergentes sobre a origem desta literatura no Brasil. Pude identificar quem preconizasse que se resumiria à cópia de publicações europeias. Por outro lado, também identifiquei autores que dissertavam sobre a originalidade do cordel brasileiro, apontando características que promovem o reconhecimento de sua singularidade. E é este ponto de vista que trago neste artigo.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Fundação Casa de Rui Barbosa; memória.

Abstract:

Cordel literature is a cultural manifestation recognized as intangible heritage by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Between 2016 and 2018, I was able to delve into this subject by developing it at a professional master's level, based on the Casa de Rui Barbosa Foundation (FCRB) collection. In this sense, I had access to divergent sources about the origin of this literature in Brazil. I was able to identify whoever recommended that it would be limited to copying European publications. On the other hand, I also identified authors who spoke about the originality of the Brazilian cordel, pointing out characteristics that promote the recognition of its uniqueness. And it is this point of view that I bring in this article.

Keywords: Cordel literature; Fundação Casa de Rui Barbosa; memory.

1 Introdução

Nos anos compreendidos entre 2016 e 2018, cursei o Mestrado Profissional em Memória e Acervos, do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, da Fundação Casa de Rui Barbosa (PPGMA/FCRB), tendo defendido a dissertação intitulada “A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa”.

¹ Mestre em Memória e Acervos pelo Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Atua no setor Supervisão de Disseminação de Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Dessa forma, minha intenção inicial seria aprofundar-me no tratamento técnico do acervo de cordel desta instituição, em função da necessidade de indexar o conteúdo para que este fosse devidamente recuperado, haja vista o grande número de informações disponíveis. Para tanto, seria considerado em específico o cordelista Leandro Gomes de Barros, pioneiro nesta área.

Entretanto, no decorrer do curso, identificou-se a necessidade preliminar de examinar o histórico deste acervo na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), pois havia identificado a existência de diversas informações sobre o tema e sobre a sua trajetória na instituição, mas que não estavam organizadas linearmente. Tal fato dificultaria o tratamento do acervo, uma vez que não se teria conhecimento de sua importante participação na FCRB e da dimensão que mereceria ser respeitada. Nesse contexto, Silveira (2010, p. 69) ressalta que “inscrita sob a forma de documento, essa memória [da literatura de cordel] requer sua reunião, organização e meios específicos para sua disseminação [...]”.

Assim, ao longo dos dois anos cursados, recorri a outras fontes de informação para além da bibliografia, a qual contava com publicações inclusive da própria FCRB. Em função de hiatos encontrados na apresentação da trajetória deste acervo, foi preciso consultar também documentos institucionais inseridos em processos administrativos, armazenados no Serviço de Arquivo Histórico e Institucional (SAHI/FCRB). E, por último, foram realizadas entrevistas com personalidades relacionadas de alguma forma ao acervo, seja por já ter trabalhado diretamente com ele, seja por ter desenvolvido pesquisas sobre o tema na FCRB ou por atuar como cordelista.

Neste período, além de ter sido viável preencher estas lacunas, tive a oportunidade de perscrutar este conteúdo, tendo acesso a autores que não percebiam o cordel como pura e simples cópia dos folhetos europeus, visão típica do senso comum; pelo contrário, reconheciam que o Brasil, em especial a região nordeste, possuiria características próprias, sendo possível determinar que trata-se, sim, de uma literatura genuinamente brasileira.

Cantigas medievais portuguesas, as quais depois de muitas e muitas transformações, teriam originado os folhetos brasileiros. A interpretação me parecia correta, porém não conclusiva, já que o texto – assim como muitos outros que li depois – não explicava o processo que transformara uma coisa em outra. (ABREU, 1999, p. 9).

Para melhor compreensão deste texto, é importante informar que ao longo da pesquisa desenvolvida no mestrado, utilizei os diversos termos referentes à literatura de cordel como sinônimos, o que também se aplica neste artigo e será esclarecido mais à frente.

2 Desenvolvimento

2.1 O acervo de cordel da FCRB

Para fins de contextualização, ressalta-se que a FCRB, localizada no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, é tradicionalmente reconhecida também em virtude de seu riquíssimo acervo, seja bibliográfico, arquivístico ou museológico. O Centro de Memória e Informação (CMI) conduz a diretoria dos setores responsáveis por cada acervo. Especificamente no que diz respeito ao acervo bibliográfico, a administração compete ao Serviço de Biblioteca, subordinado ao CMI. Nesse contexto, enfim, encontra-se a coleção de literatura de cordel da FCRB, cuja importância é acentuada a seguir:

Através de sua Coleção de Folhetos Raros, composta por obras originais publicadas, ainda em vida, pelos poetas pioneiros, a Casa de Rui Barbosa coloca à disposição do pesquisador uma fonte de inestimável valor para o estudo da história social e cultural do Nordeste [...]. (NEMER, 2008, p. 7).

O acervo supracitado teve seu início na década de 1960, quando Manoel Cavalcanti Proença, pesquisador de cultura popular, doou cerca de oito mil folhetos para a FCRB. Posteriormente, outros intelectuais também doaram suas coleções particulares, entre eles Sebastião Nunes Batista, Orígenes Lessa e Manuel Diegues Júnior.

Sá de João Pessoa (JOÃO PESSOA, 2016) destaca esse movimento:

tal e qual Jorge Amado, Orígenes Lessa fez amizade sólida que durou “até que a morte os separasse” com Sebastião Nunes Batista e acabou levando-o para a Casa de Rui Barbosa, a fim de organizar o acervo sobre a poesia popular. Sebastião, por sua vez, levou consigo a coleção que pertencera ao pai Francisco das Chagas Batista (que paira ao lado de Leandro Gomes de Barros como pioneiro da literatura de cordel), além de milhares de outros folhetos coletados dos muitos amigos que tinha. (Pessoa, 2016.p.???)

O tratamento técnico deste acervo permaneceu sendo realizado no Centro de Pesquisa (CP) da FCRB até o momento em que foi transferido para o Serviço de Biblioteca (CMI/FCRB), por ocasião do falecimento de Sebastião Nunes Batista, na década de 80.

Atualmente, pode-se ter acesso a este acervo também em formato digitalizado, considerando-se os folhetos em domínio público ou cujas disponibilizações foram previamente autorizadas. As consultas podem ser feitas no *site* “Cordel: literatura popular em verso²”.

² Disponível em: <http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

A título de curiosidade, em 1974, Rodolfo Coelho Cavalcante homenageou o patrono da instituição em um folheto intitulado “A vida de Ruy Barbosa”.

Não obstante, na cronologia do desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, antes de discorrer sobre o cordel particularmente na FCRB, abordei esta literatura em geral, considerando sua origem no Brasil.

2.2 A literatura de cordel no Brasil

Isto posto, recorri a alguns autores — Abreu, 1999; Peixoto, 2003; Quintela, 2005 — que assumiam que o cordel já possuía manifestações no formato oral entre os séculos XVI e XVII, sendo apresentado em forma de cantorias, desafios e rimas (LUNA E SILVA, 2010; OLIVEIRA; ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Em versos, Cavalcante (1984, p. 3) destaca a forma tradicional de propagação desta poesia através da oralidade:

No início os Cantadores
Cantavam com seu pandeiro
Com o triângulo, com Rabeca
No Nordeste brasileiro,
As fazendas se alegravam
E os ouvintes deliravam
Nos Salões ou no Terreiro.

Os Coronéis das Fazendas
Convidavam moradores
Pra assistirem as Pelejas
Dos famosos Cantadores,

Eram os grandes Desafios
Dos Repentistas bravios
De versos mais multicores.

Dessa forma, o princípio de sua difusão não estaria diretamente ligado ao formato impresso, já que a oficialização da tipografia no Brasil deu-se apenas com a chegada da família real portuguesa ao país e a criação da Imprensa Régia, em 1808. Antes disso, apenas os folhetos europeus eram impressos. Pelo que se tem conhecimento, Luna e Silva (2010) refere-se a uma publicação de 1865, no Recife, como o mais antigo folheto brasileiro.

Os autores supracitados não desconsideram a incidência de folhetos europeus no Brasil, mas preconizam que ao chegarem aqui, ganhavam diferentes roupagens, reforçando a tese de que a literatura de cordel brasileira possui especificidades evidentes. Assim, Abreu (1999, p. 134) ressalta que

o contato com os cordéis portugueses pode ter engrossado o caldo, aumentado o repertório de situações, temas, personagens, incorporados a uma forma poética fixa, criada e aperfeiçoada pelos poetas nordestinos, primeiramente no âmbito das cantorias orais e, posteriormente, por meio de folhetos impressos.

A propósito, o nome “literatura de cordel” difundiu-se apenas após sua popularização e academização. Ou seja, quando ainda era tão somente disseminado através da oralidade, no período compreendido entre os séculos XVI e XVII, no Brasil, era apenas conhecido como “folheto”, por exemplo. Nesta época, manifestava-se uma maneira devidamente estruturada de comunicar-se (FRANKLIN, 2002), baseada na oralidade e nas técnicas de memorização.

Sobre a nomenclatura “literatura de cordel”, Franklin (2002, p. 6) defende que

[...] soa como imposição cultural. O Nordeste rural desconhece a palavra cordel como sinônimo de cordão ou barbante. Ela se impôs com base na lenda urbana de que os livretos populares eram vendidos no interior do Brasil do mesmo modo como eram comercializados em Portugal: pendurados em cordão. [...] Na verdade, folheteiros utilizavam pequena maleta onde transportavam a mercadoria.

Nesse sentido, compreende-se que o hoje tão habitual substantivo utilizado para referir-se a essa literatura (de cordel) tem como base a forma como os folhetos eram vendidos na Europa, pendurados em varais, cordas. E essa consideração fora feita pelo meio acadêmico ao assumir seu interesse pelo tema, entre o final do século XIX e o início do século XX (PEIXOTO, 2003). Foi este, então, o nome que popularizou-se por fim.

Antes de tudo, é preciso esclarecer uma questão terminológica. Apesar de, atualmente, utilizarmos o termo ‘literatura de cordel’ para designar as duas produções, os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente, ‘folhetos’. A expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. (ABREU, 1999, p. 17).

Novamente em versos, Cavalcante (1984, p. 6) destaca o interesse do meio acadêmico pela literatura de cordel brasileira:

As famosas Faculdades
Da Itália e Grãbetanha,
Japão, Estados Unidos,
França, Portugal, Espanha,
Se formam hoje Doutores
Nos versos dos trovadores

Como dá-se na Alemanha.
Cadeira para Cordel
Hoje é uma realidade.
Por exemplo hoje em São Paulo
Em qualquer uma Faculdade
Tem muita gente estudando
Muitos jovens pesquisando
Como especialidade.

Livro de Manoel d'Almeida,
João José e Minelvino,
E José da Costa Leite
Que é bom vate nordestino
São em Sorbone estudados
E em Arizonas cotados
Dentro do melhor destino.

Cabe ressaltar que, na minha dissertação, como estratégia didática considerei os diversos termos que referiam-se ao cordel como sinônimos independente das épocas que tenham sido evidenciados, tendo os chamado em minha pesquisa de “sinônimos atemporais”, já que para a compreensão do tema, neste caso, não exerceriam grande influência. Alguns dos nomes que podem ser citados são:

- Brasil: “literatura de folhetos”, “versos”, “folhetos e romances”, “romanzo” e “abc”, sendo este último utilizado na Bahia (AYALA, 2010); também é possível mencionar “literatura popular em versos”, “folhetos” e “poesia popular”;
- Portugal: “folhas volantes”;
- Espanha: “pliegos soltos”;
- França: “littérature de colportage”;
- México, Argentina, Nicarágua e Peru: “corrido”;
- México: “contrapunto”.

Há que se destacar que também havia folhetos na Índia, no Japão e na Nigéria (PEIXOTO, 2003), evidenciando a existência do cordel em várias partes do mundo, não só na Europa e não somente no Brasil, tendo esta literatura se desenvolvido com características específicas em cada região do mundo.

2.2.1 Características singulares da literatura de cordel brasileira

Como dito anteriormente, esta literatura possui características singulares, haja vista a linguagem popular aplicada em seus versos, assim como o destaque para sua disseminação

através da oralidade. Além disso, reconhece-se que precisamente qualquer tema pode ser abordado nos folhetos brasileiros.

Ademais, esta literatura é rígida quanto à métrica aplicada à estruturação do texto. Para que sejam garantidas as rimas, recorre-se ao uso de neologismos, por exemplo (ABREU, 1999; PEIXOTO, 2003). Assim, difere dos folhetos portugueses, os quais no século XIX obedeciam a uma forma fixa, basicamente as quadras setessilábicas (ABREU, 1999).

Em linhas gerais, no que diz respeito à métrica que estrutura a construção das estrofes em um cordel, esta resulta da contagem do número de versos, no sentido vertical (cada estrofe), e sílabas, no sentido horizontal (versos). Assim, há vários tipos de estrofes, como a quadra, sextilha, septilha, oitava, quadrão, décima, martelo, galope à beira-mar, redondilha e carretilha (LITERATURA..., 2021).

Para ilustrar, pode-se mencionar aqui dois tipos mais utilizados, sendo eles as quadras e as sextilhas. A construção de versos em formato de quadras é composta por estrofes de quatro versos, com sete sílabas cada um, tendo rimados os versos pares entre si. Já na composição das sextilhas, as estrofes possuem seis versos, contendo também sete sílabas, e com os versos pares rimados (RIBEIRO, 1977).

Em poesia, Cavalcante (1984, p. 3) salienta Silvino Pirauá de Lima, cordelista brasileiro, como pioneiro no uso de sextilhas:

No começo a Poesia
Popular hoje Cordel
Era em quadras, realmente,
Que usava o Menestrel,
Mas Silvino Pirauá
Um novo sistema dá
De maneira mais fiel.

Repetindo os últimos versos
Da quadra forma a sextilha
Cuja estrofe mais completa
Na melodia mais brilha,

Foi assim que começou
E depois continuou
Se aceitando a septilha.

Franklin (2002, p. 8) evidencia que “a maneira nordestina e brasileira de ver o mundo aos poucos se impôs”. Nesse sentido, ao longo da minha pesquisa, pude compilar as diferenças entre os folhetos brasileiros e os portugueses, consideradas mais relevantes por Abreu (1999) e Franklin (2002), conforme quadro 1.

A identificação da literatura de cordel brasileira como algo nacional ressalta a sua valorização como patrimônio imaterial da cultura brasileira, assim reconhecido oficialmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2018.

Nesse caso, a literatura de cordel atua como item cultural base para a construção da identidade cultural brasileira (SILVA; SOUZA, 2006), uma vez que exprime, através de suas particularidades, os valores do povo brasileiro, em especial os nordestinos, exercendo representatividade de sua visão de mundo. Albuquerque (2013) e Silva e Souza (2006) destacam a importância do cordel como patrimônio histórico e cultural do povo, em especial, do nordeste brasileiro.

Ademais, há outra peculiaridade dos folhetos brasileiros que ultrapassa sua função literária ao exercer também seu papel como fonte de informação. Em decorrência do analfabetismo, por muito tempo, esta literatura fora vista como principal e confiável meio de comunicação e informação (GALVÃO, 2001; PEIXOTO, 2003). Corroborando, Ayala (2010, p. 70) discorre que o público de cordel “quer a voz do folheto”.

Assim, concorda Cavalcante (1984, p. 5):

O Cordel é dividido
Escrito, Cantado, Oral,
Porém o cordel legítimo
É aquele tipo jornal,
Que traz a notícia nova
Em sextilhas, nunca em trova
Que agrada o pessoal

Quadro 1 - Algumas diferenças entre o cordel brasileiro e o português, de acordo com Abreu (1999) e Franklin (2002).

BRASIL	PORTUGAL
Texto em versos, com simplificação dos períodos e substituição de vocabulário	Texto em prosa, com períodos longos e de difícil compreensão devido às construções sintáticas
Composição dos folhetos como forma de sustento do cordelista	Nem sempre composições inéditas criadas para o sustento do cordelista; muitas vezes apenas como adaptação de textos de sucesso
Autores e parcela significativa do público pertencentes às camadas populares ¹³	Textos direcionados para todo o conjunto da sociedade, de elite para elite
Forte vínculo com a tradição oral	Cultura escrita fornecia os textos extraídos para o formato de cordel
Cotidiano nordestino como tema importante	Vida dos nobres e cavaleiros como tema
Autores como proprietários de suas obras, podendo vendê-las para editores, que também eram autores	Os editores trabalhavam especialmente com obras em domínio público
Diversas formas de estruturação métrica dos versos, utilizando especialmente as sextilhas	Não necessariamente expresso em versos e, quando utilizava, recorria às quadras de sete sílabas

Fonte: Sena (2018, p. 36).

3 Conclusão

A partir do que foi tratado neste artigo, considera-se que foi de fato relevante a opção por alterar o tema proposto inicialmente para ser abordado no mestrado do PPGMA. A escolha por deixar os estudos sobre tratamento técnico para o futuro foi determinada pela identificação da primordialidade da disposição da memória do acervo de cordel da FCRB.

Nesse sentido, na FCRB já antes reconhecida como “referência internacional nos estudos e pesquisas realizadas sobre este gênero literário [e] maior coleção pública de cordéis do mundo” (MEMÓRIA DO CORDEL FCRB..., 2008), o assunto cordel retomou forma.

Além da referida dissertação, foram organizados recentemente outros eventos sobre o tema na instituição, como o “SerTão Rui: cultura do cordel³”, em 2021.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVQtk3njJUk>. Acesso em: 17 nov. 2021.

Também foi possível presumir que o desenvolvimento desta pesquisa em nível de mestrado profissional permitiu a disseminação de um diferente ponto de vista, pouco difundido, em relação às origens destes folhetos no Brasil.

De acordo com os diversos autores consultados, considera-se que esta literatura teve diversas inspirações para seu desenvolvimento, tendo adaptado-se à realidade nacional, em especial nordestina, emanando em sua composição características técnicas próprias.

Além disso, reconhece-se o cordel brasileiro como importante fonte de informação, desde seus primórdios, ainda com base na disseminação oral. Curran (2003) e Galvão (2001) apontam este papel de transmissão de conteúdos diversos através de linguagem e suporte acessíveis a todo tipo de público.

Curran (2003) e Oliveira e Almeida Júnior (2015, p. 72) exaltam que o cordel, no Brasil, “é uma das poucas literaturas que faz uso pleno de diferentes linguagens e que apresenta também características informativas e de entretenimento sem alterar expressamente sua estrutura.”.

Por fim, é igualmente importante salientar a notabilidade desta poesia na memória cultural brasileira. Nesse sentido, Maxado (1982, p. 8) prega que

O cordel é resistência
E uma força cultural
Contra a alienação
Da invasão nacional
Pelas firmas estrangeiras
Com a multinacional

AGRADECIMENTOS

Para o desenvolvimento da dissertação aqui mencionada (“A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa”), foi essencial a contribuição de diversas personalidades, sendo elas da área de cordel ou não. Cabe aqui, portanto, o agradecimento a cada uma delas.

Dessa forma, meu muito obrigada destina-se a minha orientadora Ana Lígia Medeiros, bibliotecária e servidora da FCRB; Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento, envolvida com o cordel em todo o Brasil e em pesquisas desenvolvidas na FCRB; Eliane Vasconcellos e Ivette Savelli, servidoras da FCRB que atuaram no tratamento técnico de folhetos de cordel no Setor de Filologia do CP da instituição; Maria Rosário de Fatima Pinto, cordelista que foi responsável pela coleção de folhetos de cordel da Biblioteca Amadeu Amaral, do Centro

Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP); Rachel Valença, ex-servidora da FCRB, que também atuou diretamente com o tratamento técnico do cordel no CP, tendo sido diretora do centro por cerca de dez anos; Sylvia Nemer, responsável pela formulação do *site Cordel: literatura popular em verso*, base digital de cordel da FCRB; e Vânia Guedes, minha orientadora na graduação e membro da minha banca de mestrado.

Referências

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Abc, folheto, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n.2, p. 52-73, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10908>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país (para colégios e faculdades)*. Salvador: [s. n.], 1984.
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2003. Folhas soltas.
- FRANKLIN, Jeová. *A literatura de cordel*. Brasília: [s. n.], 2002. (Coleção Cartilha da cultura popular, 2).
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Série Historial, 9).
- JOÃO PESSOA, Sá de. *Orígenes Lessa, autor e personagem de Cordel*. Disponível em: <http://sadejoapessoa.blogspot.com.br/2016/02/origenes-lessa-autor-e-personagem-de.html>. Acesso em: 19 mar. 2017.
- LITERATURA de cordel. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel. Acesso em: 16 nov. 2021.
- LUNA E SILVA, Vera Lúcia de. Primórdios da literatura de cordel no brasil: um folheto de 1865. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 74-80, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10909>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- MAXADO, Franklin. *O cordel do cordel*. São Paulo: [s. n.], 1982.
- Memória do cordel FCRB: Sebastião Nunes Batista – Projeto FAPERJ, 2008. [AP 195].
Processamento técnico (Cordel) Sebastião Nunes Batista e a Poesia Popular – Transcrição de palestra, 2004-2005. [Dossiê SAHI/FCRB - AP 188].
- NEMER, Sylvia (org.). *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008. (Coleção FCRB Aconteceu, 8).

OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Memória e linguagem: um estudo sobre os folhetos de cordel. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 25, n. 2, p. 65-73, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/65>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PEIXOTO, Mariana do Carmo de Almeida. *Literatura de cordel: da oralidade à escrita*. 2003. 89 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

QUINTELA, Vilma Mota. *O cordel no fogo cruzado da cultura*. Salvador, 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da UFBA, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10956/1/Vilma%20Mota%20Quintela.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

RIBEIRO, Pedro Mendes. *Segredos do repente*. Teresina: MEC/DC/ FUNARTE; UFPI, 1977.

SENA, Carolina Carvalho. *A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa*. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7156>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. *Inf. & Soc.:Est.* v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/issue/view/43>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1102/772>. Acesso em: 18 nov. 2021.